Lição 2: O Objeto da Amizade

> *Talvez, porém, estas coisas se tornem manifestas uma vez conhecido o amável. Pois parece que não se ama tudo, mas o amável, e que este é o bom, ou o deleitável, ou o útil. Ora, parecerá que o útil é aquilo por meio do qual se obtém algum bem ou deleite; por isso serão amáveis, como fins, tanto o bom quanto o deleitável. [1551]*
>
> *Amam, então, o bom ou o que lhes é bom? Pois estas coisas às vezes dissoam. E de modo semelhante também acerca do próprio deleitável. [1553]*
>
> *Parece, porém, que cada um ama o que lhe é bom, e que absolutamente é amável o bom, mas para cada um o que é de cada um. [1554]*
>
> *Ora, cada um ama não o que lhe é ente bom, mas o que lhe aparece bom. [1555]*
>
> *Nada difere, porém; pois o amável será o que aparece bom. [1556]*
>
> *Havendo três coisas por causa das quais se ama, na amação das coisas inanimadas não se fala de amizade. Pois não há retribuição de amor. Nem vontade do bem daquelas coisas, pois seria ridículo, talvez, querer o bem para o vinho. Mas, se acaso, quer que ele se conserve para que ele mesmo o tenha, ao passo que ao amigo, dizem, é preciso querer os bens por causa dele. [1557]*
>
> *Aos que assim querem os bens chamam-nos benévolos, se o mesmo não for feito também por aquele; pois a benevolência nos que se correspondem é amizade. [1559]*
>
> *Ou deve-se acrescentar que não fique oculta. Pois muitos são benévolos para com aqueles que não viram, mas que julgam serem virtuosos ou úteis, e o mesmo poderia sentir algum daqueles para com este. Estes, portanto, parecem benévolos uns para com os outros, mas como poderia alguém chamá-los amigos, ocultos como estão quanto ao que sentem entre si? [1560]*
>
> *É preciso, portanto, que queiram bem uns aos outros e que queiram os bens sem que isso fique oculto, por causa de alguma das coisas mencionadas. [1561]*

1551. ***Talvez, porém, estas coisas*** etc. Depois que o Filósofo mostrou, a modo de proêmio, que é preciso determinar acerca da amizade e quais são as coisas que dela se devem determinar, aqui começa a tratar da amizade.

E primeiro mostra o que é a amizade;

segundo distingue suas espécies, ali: ***diferem, porém, estas coisas entre si*** etc.;

terceiro determina certas propriedades da amizade no nono livro, ali: ***em todas as coisas, porém, das espécies dessemelhantes*** etc.

Acerca do primeiro ponto faz duas coisas:

primeiro investiga as quatro partes da definição de amizade;

segundo conclui a definição da amizade, ali: ***é preciso, portanto*** etc.

Primeiro, porém, investiga a partícula que está da parte do objeto.

Acerca disto faz três coisas:

primeiro determina o objeto da amizade;

segundo levanta uma dúvida, ali: ***amam, então*** etc.;

terceiro a resolve, ali: ***parece, porém*** etc.

Diz, pois, primeiro que acerca das mencionadas questões talvez se torne algo manifesto se conhecermos o que é o amável, que é o objeto da amação, da qual se diz a amizade.

1552. Com efeito, não se ama qualquer coisa indiferentemente, porque o mal enquanto tal não é amado, mas, assim como o visível é visto, assim o amável é amado, o qual é ou o bom por si, a saber, o honesto, ou o deleitável, ou o útil. Ora, este terceiro, a saber, o útil, parece ser aquilo por meio do qual se chega ao bem honesto ou deleitável; por isso o bem honesto e o deleitável são amáveis por si mesmos como fins, ao passo que o útil é amável por causa de outro, como aquilo que é para o fim. Ora, o bom e o deleitável, se fossem tomados em comum, não se distinguiriam entre si pelo sujeito, mas só pela razão, pois algo se diz bom segundo o que é em si perfeito e apetecível, e deleitável segundo o que nele repousa o apetite; mas não são tomados aqui deste modo, e sim se diz aqui verdadeiro bem do homem o que lhe convém segundo a razão, e deleitável o que lhe é conveniente segundo o sentido.

1553. Em seguida, quando diz: ***amam, então*** etc., levanta acerca disto uma dúvida, a saber, se os homens amam o que é bom absolutamente ou o que é bom para eles mesmos. Pois estas coisas às vezes dissoam entre si, como filosofar é bom absolutamente, e todavia não é bom para quem carece do necessário. E a mesma dúvida há acerca do próprio deleitável, pois algo é deleitável absolutamente, como o doce, o que não é deleitável para este, a saber, para quem tem o paladar corrompido.

1554. Em seguida, quando diz: ***parece, porém*** etc., resolve a mencionada questão.

E primeiro apresenta a solução. E diz que cada um parece amar o que lhe é bom, porque toda potência se dirige ao objeto a si proporcionado, assim como a vista de cada um vê o que lhe é visível; e assim como o amável absolutamente é o que é bom absolutamente, assim para cada um é amável o que lhe é bom.

1555. Segundo, ali: ***ora, cada um ama*** etc., objeta em contrário. E diz que cada homem ama não aquilo que lhe é bom, mas aquilo que lhe aparece bom, pois o apetite não se dirige a algo senão enquanto apreendido; por isso parece ser falso que para cada um seja amável o que lhe é bom.

1556. Terceiro, ali: ***nada difere, porém*** etc., resolve, dizendo que isto em nada difere quanto ao propósito, porque, quando se ama algo aparentemente bom, ama-se como sendo bom para si; por isso também se poderá dizer que o amável é o que aparece bom.

1557. A segunda partícula pertence à qualidade da amação, a qual ele apresenta ali: ***havendo três coisas*** etc. E diz que, havendo três coisas por causa das quais os homens amam, a saber, o bom, o deleitável e o útil, naquela amação pela qual se diz amar as coisas inanimadas, por exemplo o vinho ou o ouro, não se diz haver amizade.

E isto ele mostra de dois modos.

Primeiro, porque em tal amação não pode haver retribuição de amor, a qual se requer para a amizade; pois o vinho não ama o homem como o homem ama o vinho.

Segundo, porque não amamos assim as coisas inanimadas de modo que haja em nós a vontade do bem delas; pois seria ridículo dizer que alguém quisesse o bem para o vinho, mas este bem, que é o vinho, o homem quer para si; por isso, pelo fato de o homem amar o vinho, não é benévolo para com o vinho, mas para consigo mesmo.

1558. E se alguém disser que o homem quer o bem para o vinho, porque quer que ele se conserve, deve-se considerar que o homem quer que o vinho se conserve para que ele mesmo o tenha, e assim não quer a conservação do vinho enquanto é bem do vinho, mas enquanto é bem de si mesmo; e isto é contra a razão da amizade, pois se diz que é preciso querer o bem ao amigo por causa dele e não por causa do bem do que ama.

1559. A terceira partícula pertence à reciprocidade do amar, a qual ele apresenta ali: ***aos que assim querem*** etc. E diz que, se alguns quiserem os bens a alguém por causa dele, chamamo-los benévolos, mas não os chamamos amigos, se o mesmo não for feito por aquele, a saber, que o amado queira o bem ao que o ama por causa dele, porque dizemos que a amizade é benevolência nos que se correspondem, a saber, que o que ama seja amado; pois tem certa troca de amor segundo a forma da justiça comutativa.

1560. A quarta parte toma-se segundo a condição do amor mútuo, e a expõe ali: ***ou deve-se acrescentar*** etc. E diz que ainda se deve acrescentar, para completar a noção de amizade, que seja uma benevolência mútua não oculta. Pois muitos são benévolos para com alguns que nunca viram, na medida em que, a partir do que ouviram, os julgam epieikeis, isto é, virtuosos, ou úteis a

si. E pode ser que algum daqueles experimente o mesmo em relação àquele que assim é benévolo. Homens desse tipo, portanto, parecem ser benévolos uns para com os outros, mas não podem ser chamados de amigos, pois lhes fica oculto como se comportam uns para com os outros.

1561. Depois, quando diz: ***é preciso, portanto*** etc., conclui das premissas a definição de amizade. E diz que, para a noção de amizade, é preciso que por ela alguns queiram bem uns aos outros e que isto não lhes fique oculto e que isto seja por causa de algum dos elementos antes mencionados, a saber, por causa do bem, do deleitável ou do útil.

Revision #2
Created 11 October 2026 19:07:03 by Admin
Updated 17 October 2026 12:34:53 by Admin